

CINEMATECA PORTUGUSA-MUSEU DO CINEMA
BREVEMENTE NESTE CINEMA | CHRIS MARKER
23 de Abril de 2021

LE FOND DE L’AIR EST ROUGE / 1977

Um filme de Chris Marker

Realização, Argumento e Montagem: Chris Marker / Música Original: Luciano Berio / Locução: Laurence Guvillier, Davos Hanich, François Maspero, Yves Montand, François Périer, Sandra Scarnati, Jorge Semprun, Simone Signoret.

Produção: INA - Iskra - Dovidis / Cópia: Iskra, em DCP (original em 35mm), cor e preto e branco, falada em francês e outras línguas, legendada em português do Brasil / Duração total: 180 minutos (1ª parte [*Les Mains Fragiles*]: 90 minutos; 2ª parte [*Les Mains Coupées*]: 90 minutos) / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca desta versão com 180 minutos, remontada por Chris Marker em 1996, tendo a mais longa 238 minutos.

Nota: A sessão decorrerá sem intervalo.

Le Fond de l’Air est Rouge é um dos mais monumentais projectos de toda a obra de Chris Marker: tratava-se de cobrir, a partir de uma extensa montagem documental, dez anos de história “revolucionária”, entre 1967 e 1977 – Maio de 68, o Vietname, Cuba, o Chile, a Primavera de Praga, e as ondas de choque que, um pouco por todo o mundo, todas estas situações foram provocando (diga-se, como curiosidade, que há pelo menos um plano no filme com imagens colhidas na época do “nosso” 25 de Abril, com palavras de ordem gritadas em português). Declarações de Chris Marker, em 1977: *“No decurso destes últimos dez anos, um certo número de homens e de forças (algumas vezes mais instintivas do que organizadas) tentou ter um papel determinante nos destinos do mundo, nem que fosse derrubando o que existia. Todos falharam nos terrenos que tinham escolhido. Mas, de qualquer modo, foi a sua passagem que mais profundamente transformou os dados políticos do nosso tempo. Este filme não pretende senão iluminar algumas etapas desta transformação”*.

O que resultou daqui foi um objecto extraordinariamente complexo, e dizer que hoje, mais de 25 anos depois da sua feitura, **Le Fond de l’Air est Rouge** se encontra um pouco datado é menos beliscar a sua complexidade do que uma maneira de aferir a que ponto o filme se encontra embebido do ar do (seu) tempo. Podemos olhar para ele, hoje, e na esteira das citadas palavras de Marker, como uma crónica de revoluções falhadas (no todo ou em parte), mas que foram importantes precisamente por terem falhado – revoltas ou movimentos que, mesmo que não tenham conseguido alcançar plenamente os seus objectivos (leia-se, o poder), impediram que as coisas voltassem a ser o que eram, podendo até ter deixado algumas sementes para o futuro (e aqui o espectador contemporâneo encontra-se em vantagem, porque pode fazer os “raccords” que Marker em 77 não podia fazer, por exemplo entre a Primavera de Praga e a queda do muro de Berlim, ou entre o Maio de 68 e os movimentos “anti-globalização”). **Le Fond de l’Air est Rouge**, apesar de estritamente balizado no tempo (67-77, como se disse), é um filme dinâmico, que não se fecha e termina em aberto: de modo se calhar marxista, seguramente dialéctico, a “revolução” é um processo eternamente em curso –

e o filme de Marker é apenas um balanço do estado das coisas num determinado momento do arco dessa revolução. A forma como o filme se “abre” ao que aconteceu depois é de algum modo evidenciada no final (na que é uma das melhores passagens do filme): voltando, em 1993, a olhar para o seu filme, Marker introduz nele, através do comentário e de uma pequena remontagem, a própria passagem do tempo, dizendo que esse tempo que passou pode ser bem aferido pelas palavras que, nos anos 70, não tinham nenhum significado especial (“perestroika” ou “co-habitação”, por exemplo). De súbito, **Le Fond de l’Air est Rouge** perde alguma da sua “urgência” para ganhar em serenidade, transformando-se quase numa história de fantasmas – fala de um mundo que já não é exactamente o nosso, reconhece-o e apresenta-o como tal. Como o comentário “off” também diz, “on ne sait jamais ce qu’on filme”: as imagens mudam, se não intrinsecamente, pelo menos naquilo que permitem ver.

Dito isto, e passando por cima de uma das grandes discussões suscitadas na época da sua estreia (a sua fidelidade ou não a um ponto de vista PC ortodoxo, o modo como Marker resolve ou não as contradições entre livre pensamento e militância, o seu eventualmente excessivo “castrismo”), discussões que deram, por exemplo, uma mesa redonda de cinco páginas nos *Cahiers du Cinéma* (e que hoje continuariam certamente a merecer outras tantas), vale a pena dizer que **Le Fond de l’Air est Rouge** é um projecto pioneiro no domínio do “cinema político”, ou na utilização do cinema como instrumento de análise histórico-política (diríamos que, neste campo, Marker estava nesta altura um passo ou dois à frente de Godard). Marker sabe de onde vem, e sabe como começou, esta associação deliberada entre cinema e política – e reconhece imediatamente essa filiação, ao construir toda a sequência inicial (imagens de insurreições e motins populares um pouco por todo o mundo) tendo como “leitmotiv” os planos da célebre cena da escadaria de Odessa do **Potemkin** de Eisenstein. Depois, todo o cinema de **Le Fond de l’Air est Rouge** gira em torno da História (e das pequenas histórias), da política e da ideologia, incessantemente cruzadas, associadas e contraditas, iluminadas ou obscurecidas, através de “raccords” de ruptura ou de aproximação, de efeitos sonoros ou visuais (fascinantes os segmentos sobre as “imagens que tremem” ou o discurso de Fidel Castro com um ruído metálico acrescentado à banda sonora) – e, sempre, alternando entre uma linearidade mais ou menos “narrativa”, e pequenas paragens para curtos “ensaios” teórico-práticos (igualmente fascinante a “demonstração” e justificação do tique de Castro, mexer nos microfones enquanto discursa, com um clímax quase burlesco: o discurso em Moscovo, perante microfones demasiado “fixos”).

Filme imenso, contraditório, polémico, ao mesmo tempo livre e comprometido, mas capaz de retirar muita da sua energia a partir dessas contradições e tensões – mesmo que algumas delas sejam hoje de difícil decodificação para quem não viveu por dentro o período em causa (mas bom, é um preço pequeno a pagar). Podia ser uma ilustração de um aforismo de Godard (“porquê fazer simples quando se pode fazer complicado”), e isso vinca bem a que ponto **Le Fond de l’Air est Rouge** vem de outro espaço-tempo: dum espaço-tempo onde as militâncias não implicavam a redução do mundo a um sistema binário.

Luís Miguel Oliveira